

A história da residência estudantil em questão: espaços de assistência, formação e circulação sociocultural¹

The history of residential colleges: spaces of assistance, education and sociocultural movement

Tatiane De Freitas Ermel

Email: t.defreitas.ermel@uva.es
Universidad de Valladolid. España

Marcos Hinterholz

Email: marcosluiz4@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Brasil

Uma universidade não se restringe ao seu currículo, a sua estrutura formal e aos saberes formalmente atestáveis que ensina e promove. Nela orbitam muitas outras práticas e espaços de sociabilidade, como as residências estudantis. Estas casas são um desdobramento das universidades e podem ser entendidas como organizações que as margeiam e nas quais pulsam ideias, emoções, sensibilidades, ideologias, modos de ser. São instituições que, não sendo de ensino no sentido *stricto*, compõem o que se pode chamar de uma cultura universitária, permeada por efeitos de identidade, exercícios de si, uma gramática simbólica, repertórios de saber-fazer e saber-conviver.

Fenômeno intrínseco à educação superior, a gênese das residências estudantis remonta à criação das primeiras universidades medievais do séc.

¹ Este monográfico faz parte do projeto de pesquisa *Connecting History of Education. Redes internacionales, producción científica y difusión global (CHE) / Connecting History of Education. International networks, scientific production and global dissemination (CHE)* (Ref.: PID2019-105328GB-I00. Convocatoria 2019 - «Proyectos de I+D+i». Ministerio de Ciencia e Innovación. España).

XII, no chamado mundo ocidental (Le Goff, 2019). O afluxo de estudantes em direção aos centros urbanos e universitários traz consigo a demanda de moradia. Assim, historicamente foram se multiplicando os modelos e arranjos de gestão e financiamento dos alojamentos para estudantes: projetos governamentais ou das próprias universidades, iniciativas particulares, de grupos políticos, religiosos, de nacionalidade ou outros laços de comunidade e pertencimento (Ulmann; Bohlen, 1994). Diversas também são as nomenclaturas encontradas: *alojamentos*, *colégios maiores*, *casas de estudante*, *residências universitárias*, *fraternidades*, além do sugestivo nome de *repúblicas*. Em comum, o caráter de organização estudantil, tomando a forma de entidades, associações, corporações ou ainda cooperativas, muitas vezes à revelia das universidades e escapando ao seu controle formal.

Há que se sublinhar a existência de uma interpermutabilidade entre a dupla função da casa de estudantes: a casa como abrigo e a casa estudantil coletiva como instituição, portadora de um *ethos*. A dimensão formativa desses espaços reside na transição dos sujeitos que os vão habitar, em suas dimensões individuais e coletivas. Trata-se de um *ser-fazer-experimentar* que ultrapassa e complementa a finalidade primeira, igualmente forte, do morar. É certo que essa dimensão de abrigo não pode ser desprezada, pois aprendemos com Bachelard (1978) o valor de proteção da casa - um espaço de segurança, o ninho do homem, que o guarda das tempestades do céu e das tempestades da vida. A esses valores de proteção, o filósofo buscou somar os valores imaginados. E essa imaginação do lugar habitado soma-se ao real e o compõe, porque é espaço vivido. É neste sentido que podemos afirmar uma certa radicalidade na experimentação do espaço da moradia estudantil, porque relacionada à centralidade da experiência do habitar. Mas, quando miramos essas residências a partir da história da educação, o que é possível ver para além de um teto?

Ao propor o presente dossiê, enxergamos nas casas de estudantes uma temática potente e ser explorada, tanto no que diz respeito a possíveis novas fontes para a história da educação (e campos temáticos correlatos como história da juventude ou história dos movimentos estudantis) quanto o desenvolvimento metodológico e a necessidade de uma maior ruminação teórica sobre esses modos de associativismo universitário. Como esses lugares podem ser interpretados à luz de distintos contextos espaço-temporais? Em que medida foram espaços de possibilidades experienciais e existenciais, nos quais, muitas vezes, efetivamente se deu a convivência de estudantes de distintas áreas do saber, ideia cerne da noção de universidade? Quais são as possibilidades de tematizar, a partir do espaço dessas residências, o elemento geracional, os modos de associativismo, os modelos e concepções de universidades, os trânsitos internacionais?

No conjunto de textos aqui reunidos, a reflexão central está pautada na compreensão das residências estudantis desde uma perspectiva de formação, assistência e circulação sociocultural. São pesquisas inéditas sobre casos da Alemanha, Brasil, Espanha, Estados Unidos, Itália, França e Portugal ao longo do século XX, com variados percursos teóricos e metodológicos. Visamos, além de ampliar o arcabouço acerca das fontes e arquivos para as investigações e as discussões sobre o estado da arte, dar a conhecer histórias de residências estudantis desde suas gêneses, trazendo diferentes modelos de organização e atores que

estiveram envolvidos na concepção e na gestão destes espaços. Também se entrelaçam aspectos de políticas de governo e universidades, assim como as memórias, os discursos e as representações em torno das residências estudantis. Por último, mas não menos importante, somam-se ao dossiê análises sobre os intercâmbios e os trânsitos internacionais a partir das residências de estudantes.

Partindo do caso do espanhol temos dois estudos, o primeiro deles tematizando o grupo de mulheres da Residência de Estudantes (conhecido como *Residencia de Señoritas*), localizada em Madrid. A autora, M^a Raquel Vázquez Ramil, centra sua atenção no intercâmbio pioneiro de mulheres universitárias entre a Espanha e as faculdades femininas mais importantes dos Estados Unidos, entre os anos 1919 e 1936, valendo-se da pesquisa no Arquivo da *Residencia de Señoritas*, depositada na *Fundación Ortega y Gasset-Marañón*. A autora inicia seu estudo com um panorâma sobre políticas de intercâmbio de estudantes entre os *American Women's Colleges* e a *Residencia de Señoritas*, trazendo em seguida aspectos acerca do trabalho do Comitê de Bolsas de Estudo da Espanha e os intercâmbios gerenciados pelo Instituto de Educação Internacional. Na sequência, apresenta um listado com 35 mulheres espanholas que receberam bolsas em faculdades e instituições dos Estados Unidos e 17 estudantes americanas que receberam bolsas para realizar seus estudos na Espanha, entre os anos de 1919 e 1936. A autora destaca a estreita relação entre a *Residencia de Señoritas* e as políticas de intercâmbio de mulheres estudantes, especialmente com o *Smith College*, instituição americana que recebeu o maior número de espanholas. Uma parte importante das estudantes que realizaram intercâmbio nos Estados Unidos (62%) era residente antes de obter a bolsa, o que permite inferir que o Comitê de Bolsas de Estudo valorizava o conhecimento pessoal e direto das candidatas, especialmente das bolsas que foram oferecidas pelo *Smith College*.

O segundo trabalho a trazer um caso da Espanha é da autoria de Carlos Veci Lavín e aborda o estímulo dado à criação dos *Colegios Mayores* no cenário pós-guerra espanhola, mais especificamente, a política estabelecida por José Ibáñez Martín, que foi ministro de Educação Nacional entre 1936 e 1951. Utiliza como fonte principal o arquivo pessoal do então ministro, assim como de outros protagonistas do período que estão conservados no *Archivo General da Universidad de Navarra*. Em linhas gerais, o autor trata de retomar alguns elementos-chave da história dos *Colegios Mayores*, centrando seu interesse na reforma universitária, com base na configuração dessas instituições como espaços formativos dos jovens universitários que eram residentes ou não, destacando o forte caráter religioso. Em seguida, enfatiza o caso do *Colegio Mayor Cardenal Cisneros*, localizado em Madrid, trazendo temas como normas, estatutos, regulamentos e publicações periódicas. A partir dos anos 1940, a política de promoção dos *Colegios Mayores*, tanto os femininos como os masculinos, foi vislumbrada como uma oportunidade de coalizão pelos grupos autoritários de Franco e da Igreja Católica. A pesquisa identifica que, em 1951, a Espanha contava com 63 instituições deste tipo, sendo estas correlatas a instabilidade político-ideológicas da primeira metade do século XX. Os *Colegios Mayores* também apresentaram aspectos comuns, tais como: a educação de minorias com vistas a regenerar a vida pública espanhola, reforma intelectual e a melhoria das condições de acomodação dos estudantes.

Tratando do caso da Alemanha, Marcus Levy Bencostta, aborda aspectos relacionados à arquitetura moderna da residência estudantil da *Bauhaus* em Dessau, no período de 1926-1932. O autor examina um conjunto de fontes – manuscritos, cartas, plantas arquitetônicas, fotografias, manifestos e jornais - preservadas no Arquivo da Bauhaus, localizado na cidade Berlim. Iniciando a escrita, o autor elenca aspectos relativos à história da arquitetura da Bauhaus, desde sua criação em 1919 até o encerramento das atividades em 1933, destacando o espaço de vanguarda e a sua conjugação entre a arquitetura e o design. Aproximando sua discussão para o espaço destinado à residência de estudantes no edifício construído em Dessau, Bencostta traz dados sobre o projeto, realizado pelo arquiteto Walter Gropius, e o local destinado para a *Prellerhaus*, como era conhecida a residência. Além de analisar uma gramática arquitetônica original, as vantagens da organização interior, especialmente a conexão da residência com outros espaços de ensino e oficinas, o uso de elementos construtivos e o mobiliário moderno, o autor apresenta aspectos de vanguarda em relação às normas da residência, como a convivência comum aos gêneros masculino e feminino, sem restrições à homossexuais ou bissexuais. Ainda, traz elementos relativos à conexão interna e externa dos residentes e docentes, tais como a cozinha e as varandas, que se tornaram nexos de convivência entre estudantes, professores, funcionários e visitantes. Cabe destacar, ainda, a forma como o autor nos apresenta a trajetória singular desse espaço no cenário da ascensão do nazismo e a retomada desse lugar como patrimônio da humanidade, sendo restaurado seu valor histórico e arquitetônico, entre final do século XX e princípios do XXI.

A experiência dos Estados Unidos é tratada por Àngel Pascual Martín, tendo como cerne o estudo das residências estudantis ante a política de educação liberal coordenada por Robert M. Hutchins, reitor da Universidade de Chicago, entre 1929-1951. De início, o autor versa sobre os *colleges*, baseados em modelos de Oxford e Cambridge, e a sua transposição para o espaço colonial, sinalizando os problemas deste padrão e as dificuldades em conciliar satisfatoriamente a formação acadêmica, moradia e a socialização dos estudantes nos Estados Unidos. Concentrando a análise para a administração de Hutchins, o autor destaca um currículo comum obrigatório de estudos gerais clássicos e uma forma colegiada de vida residencial, valendo-se de três reformas (1931, 1942 e 1946). Discute os propósitos da Universidade que foram evidenciados pelo então reitor, tais como uma instituição alinhada à uma satisfação do mercado e a todo o tipo de necessidades públicas, assim como a predominância anti-intelectual, que influenciariam estritamente o modelo residencial por ele proposto. Nesta perspectiva, se apresenta um interessante debate acerca da vida colegiada, os espaços de sociabilidade e de formação intelectual e moral, enfocando os modelos e formas de organização e gestão das residências estudantis da Universidade de Chicago.

O caso de França é abordado por Angélica Müller através da experiência da *Masion du Brésil*, construída na cidade Internacional Universitária de Paris e inaugurada no ano de 1959. Este estudo entrecruza a história do ensino superior no Brasil e da França, explicitando modelos e projetos culturais, relações diplomáticas e intercâmbios universitários entre ambos os países. Com o propósito principal de analisar a criação da Casa do Brasil e seus primeiros anos de atividades, a

autora investiga em acervos do Brasil e da França, discutindo elementos relativos ao projeto inicial, a construção do edifício e as normativas de funcionamento com base em acordos firmados entre os países. Com o olhar centrado nos primeiros anos de funcionamento da Masion, a investigação discorre sobre os modelos de gestão, formas de seleção de estudantes e manutenção do espaço, assim como a efervescência política e os movimentos estudantis que ocupam a década de 1960, destacando o Golpe Civil-Militar no Brasil, no ano de 1964, e os movimentos do *Maio de 1968*. O desenlace entre o projeto e a primeira década de atividades é exposto pela autora com um movimento de passagem entre diálogo do conhecimento acadêmico e cultural transnacional para a lógica de vigilância dos militares que foi estabelecido desde o Brasil.

A experiência da Itália é examinada por Simona Salustre, tendo como temática as residências universitárias italianas nos anos 1930, destacando o programa de fascistização e o controle realizado aos estudantes. Neste estudo, a autora destaca a reforma total universitária empreendida pelo Partido Nacional Fascista (PNF) e o modo como influenciou a moradia estudantil, que além de sua função como alojamento, possuía um forte carácter formativo e assistencial, especialmente organizado neste contexto pelo Grupo Fascista Universitário e a Milícia Universitária. A autora destaca as formas de organização, os novos projetos, os privilégios, os benefícios, a propaganda para residentes italianos e do exterior e, sobretudo, o controle exercido para o engajamento e alinhamento ao regime. A pesquisa ressalta o caso emblemático da Universidade de Bolonha, tendo em vista a atenção da administração fascista aos anseios da associação universitária (conhecida como *Goliardia*) na construção de uma nova residência que pudesse atender um número maior de estudantes na universidade considerada a mais antiga do mundo. A última questão apresentada pela autora diz respeito a recepção dos estudantes estrangeiros e os mecanismos de adesão ao regime para recebimento das bolsas de estudos e ajuda para encontrar acomodação, dentre outros benefícios. Desse modo, ao longo da década de 30, as universidades e residências estudantis italianas se transformaram em centros de exclusão, culminando na expulsão definitiva dos estudantes e professores judeus. Além de realizar uma rigorosa revisão bibliográfica, a autora debruçou-se sobre documentos ministeriais, anuários e, especialmente, revistas e publicações periódicas.

O último artigo que apresentamos foi realizado pelos organizadores deste dossiê, Marcos Luiz Hinterholz e Tatiane de Freitas Ermel, que aportam um estudo sobre as residências de estudantes no contexto ibero-americano, trazendo os casos do Brasil, Espanha e Portugal. A proposta principal foi analisar aspectos relativos à formação, sociabilidade e organização política nas residências destes três países, no século XX. A pesquisa foi empreendida em bases de dados dos referidos países, elencando estudos acadêmicos sobre o tema, com foco nas abordagens e problematizações levantadas sobre a temática. Também foram examinadas publicações periódicas, dissertações e teses inéditas sobre o assunto. Os autores destacam elementos como movimento de professores e estudantes desde uma perspectiva nacional e internacional, aspectos relativos à proteção e assistência estudantil, os distintos modelos administrativos, vinculações e nomenclaturas que se deram em estes países, sendo observado a coexistência de inúmeros tipos/

sistemas de moradias, ainda pouco conhecidos pelos historiadores da educação. Apesar das significativas diferenças temporais e tipológicas, os alojamentos estudantis consistiram em espaços coextensivos às universidades, fortemente marcados pela sociabilidade de seus moradores que, em grande parte dos casos, se desloca de cidade ou país para realizar os estudos universitários.

O conjunto de artigos reunidos tecem um repertório internacional, apresentando diferentes nuances acerca residências de estudantes, que objetivam visibilizar a temática no âmbito da História da Educação. Centrados sobretudo no século XX, as pesquisas apresentam aspectos relacionados aos espaços, arquitetura, modelos gestão, internacionalização, formas associativas, engajamento político, discursos, memórias, dentre outros. Neste sentido, enfatizamos as residências estudantis como instituições educativas inerentes à gênese e as transformações das universidades, requerendo, sem dúvida, uma significativa projeção dado seu valor histórico e educativo.

1. Referências

Bachelard, G. (1978). *A poética do espaço*. São Paulo: Abril Cultural.

Le Goff, J. (2019). *Os intelectuais na Idade Média*. Rio de Janeiro: José Olympo Editora.

Ullman, R., Bohnen, A. (1994). *A Universidad: das origens à Renascença*. São Leopoldo: Editora UNISINOS.